

FORMULAÇÕES FREUDIANAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO INCONSCIENTE PARA O PSICANALISTA EM FORMAÇÃO

Marcus Kleredis Monteiro Vieira

O presente trabalho resulta da pesquisa realizada no Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Prof. Orlando Soeiro Crüxen, intitulada “A Experiência do Inconsciente para o Psicanalista em Formação, segundo Freud”. Em nossa dissertação de mestrado, abordamos o desenvolvimento das concepções freudianas acerca do papel, para a formação do psicanalista, daquilo que denominamos de “experiência do inconsciente”.

A expressão “experiência do inconsciente” foi escolhida para intitular nosso trabalho em função da constatação de que Freud, ao longo de sua obra, estabeleceu formas distintas de promoção da formação do psicanalista. Antes de desenvolver a noção da necessidade de análise pessoal para o psicanalista em formação, Freud recomendou a autoanálise para os primeiros psicanalistas, conduziu fragmentos de análises mescladas ao ensino teórico e incentivou o trabalho de interpretação mútua das formações do inconsciente entre os membros dos primeiros grupos psicanalíticos.

Além das formas distintas de fomento da formação do psicanalista através da experiência singular com as próprias formações do inconsciente, cotejamos com a expressão em questão o constante apelo feito por Freud à observação empírica dos fenômenos que compõem o objeto de pesquisa da psicanálise. Dessa forma, a expressão “experiência do inconsciente” - com suas especificidades respeitadas e sem deixar de levar em consideração o trabalho clínico - assume o sentido de método experimental da ciência psicanalítica.

Na abordagem freudiana da questão, assinalamos a existência de três momentos distintos: o processo de autoanálise como ponto de partida para suas recomendações

posteriores e construção da primeira tópica em *A Interpretação dos Sonhos* (1900); as primeiras recomendações de análise para o psicanalista em formação, do funcionamento da “Sociedade das Quartas-Feiras” ao artigo *Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade* (1919), onde Freud sistematiza a composição do tripé de formação do psicanalista; as recomendações, posteriores à criação do sistema de formação de psicanalistas do Instituto Psicanalítico de Berlim, feitas em consonância com os novos paradigmas teóricos da segunda tópica.

1. A autoanálise de Freud

A autoanálise de Freud consistiu na observação de seus próprios sonhos, lapsos, atos falhos e sintomas. Esse auto escrutínio caracterizava-se por um processo associativo, que desembocava numa síntese, via de regra, de natureza teórica.

A autoanálise de Freud se justifica, em termos puramente lógicos, pela inexistência de um analista que pudesse analisá-lo, pois antes dele não havia analistas. Contudo, Lacan (1967) e Mannoni (1968) afirmam que o processo de escrutínio das próprias formações do inconsciente realizado pelo criador da psicanálise – processo que possibilitou o avanço da clínica, da teoria e, obviamente, de Freud como psicanalista – consistiu de fato numa análise, “a análise original” (LACAN, 1967/2003, p. 258), cuja função de analista teria sido ocupada por Fliess, seu amigo e interlocutor científico. Porge (1998), por sua vez, em trabalho dedicado especificamente ao assunto da autoanálise freudiana, critica a noção da “análise original”, pois encontra nela uma série de incompreensões relativas ao papel de Fliess como interlocutor de Freud e que, segundo suas palavras, “mantém uma cortina de fumaça encobrindo os estudos das origens da psicanálise” (PORGE, 1998, p.8). Em função do objetivo deste trabalho, deixaremos de lado essa controvérsia e nos concentraremos nas influências da autoanálise de Freud no desenvolvimento de suas concepções posteriores sobre a experiência do inconsciente para o analista em formação.

Freud partiu do interesse clínico na autoanálise, visando a encontrar nela o alívio de alguns sintomas neuróticos como distúrbios gástricos e de inibição intelectual. Freud foi abandonando de forma paulatina suas pretensões terapêuticas iniciais na autoanálise e concentrando seu interesse no processo como uma fonte privilegiada de observação de fenômenos de natureza semelhante aos que se apresentavam na clínica. Mas, ao mesmo toque que Freud desenvolvia a clínica e a teoria da psicanálise, estabelecia a função do psicanalista e, por consequência, as exigências de sua formação. Não havia a preocupação de Freud com sua própria formação enquanto psicanalista, pois esta estaria embutida nos interesses primordiais. Entretanto, a autoanálise possibilitou a Freud o contato empírico, sem mediações, com alguns fenômenos que ele apenas vislumbrava nas análises que conduzia. O saber elaborado a partir da autoanálise permitiu a Freud, no próprio ato de sua elaboração, a aquisição dele. Nesse sentido, a autoanálise freudiana - reunindo a experiência do inconsciente e a aquisição teórica - produziu efeitos de formação e lançou as bases para as elaborações posteriores sobre a necessidade de um percurso pessoal de escrutínio do inconsciente para os psicanalistas em formação.

2. *As primeiras recomendações de análise pessoal*

Freud descobre o inconsciente em sua clínica, mas torna sua descoberta pública através da abordagem de fenômenos banais como o sonho, por exemplo. O que estava em jogo nesse ponto da obra freudiana era a demonstração da materialidade, do aspecto empírico, portanto, investigável pela ciência, do inconsciente.

A mesma ênfase na demonstração da materialidade do inconsciente ocorria nos trabalhos dos primeiros grupos psicanalíticos. No período inicial da institucionalização da psicanálise, Freud incentivava seus adeptos a praticarem a autoanálise, principalmente a interpretação de sonhos, a fim de adquirirem convicção acerca da realidade do inconsciente. Além da convicção necessária ao futuro psicanalista, a

autoanálise ainda proporcionaria, como aconteceu com Freud, familiaridade e traquejo com as formações do inconsciente.

Contudo, as exigências relativas à autoanálise aumentam por volta de 1910, momento em que a Associação Internacional de Psicanálise (IPA) é criada. Nesse período, a autoanálise deixou de estar restrita ao papel de fornecer convicção sobre a realidade do inconsciente e incorporou a função de combater os obstáculos ao tratamento provenientes da pessoa do psicanalista:

(...) nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em conseqüência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma auto-análise e levá-la, de modo contínuo cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes (FREUD, 1910/1996, p. 150)

O momento em que Freud modifica seus pontos de vista acerca da função, da duração e da necessidade da autoanálise para o psicanalista em formação corresponde ao período em que a psicanálise passa a ser aceita e praticada por um círculo mais amplo, gerando, por conseqüência, aumento das exigências sociais relativas às qualificações dos psicanalistas.

No artigo *Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise* (1912), Freud defende a necessidade da análise pessoal na formação do psicanalista. Entretanto, a idéia de autoanálise ainda não havia sido inteiramente abandonada. Enquanto no artigo *As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica* (1910), a autoanálise é exposta como única forma capaz de promover a anulação das resistências do psicanalista, no artigo técnico de 1912, Freud propõe a utilização da análise pessoal seguida pela autoanálise, que, por sua vez, daria continuidade ao trabalho de interpretação dos resíduos inconscientes.

Em 1919, um ano antes da criação do burocrático sistema de formação de psicanalistas pelo Instituto Psicanalítico de Berlim, instituição afiliada à IPA, Freud

publica o artigo *Sobre O Ensino da Psicanálise na Universidade* (1919). Neste trabalho, Freud lança a formalização do tripé de formação do psicanalista, composto pela análise pessoal, pela supervisão clínica e pelo ensino. A análise pessoal, junto com os atendimentos supervisionados, assume a função de servir de referência empírica à teoria. No artigo em questão, Freud não faz qualquer menção aos atributos do analista em formação, restringindo sua abordagem da análise pessoal à necessidade de observação empírica dos enunciados teóricos da psicanálise.

3. *As recomendações de análise pessoal posteriores à segunda tópica*

No artigo *A Questão da Análise Leiga* (1927), Freud retoma, ao abordar a isenção das interpretações do analista, a questão dos atributos do analista e sua relação com a análise pessoal:

Uma espécie de agudeza em ouvir o que está inconsciente e reprimido, que não está na posse igualmente de todos, tem seu papel a desempenhar. E aqui, antes de tudo, somos levados à obrigação do analista tornar-se capaz, por uma profunda análise dele próprio, da recepção sem preconceitos do material analítico. (FREUD, 1927/1996, p. 212)

O trecho acima explicita o ponto em que o trabalho de interpretação se articula com a formação do psicanalista, mais precisamente com a análise pessoal com efeitos de formação. Conforme Freud deixa evidente, o trabalho de interpretação não requer a anulação do analista, posto que impossível, mas *uma espécie de agudeza em ouvir o que está inconsciente e reprimido* (FREUD, 1927/1996, p. 212). A “agudeza” a qual Freud se refere só pode ser adquirida na experiência com o próprio inconsciente através da análise pessoal.

No sétimo capítulo de *Análise Terminável e Interminável* (1937), Freud desenvolve o tema da formação do psicanalista através da análise pessoal tomando como ponto de partida o artigo de Ferenczi intitulado *O Problema do Fim da Análise* (1927). Neste, Ferenczi sustenta que a análise com fins de formação deve avançar até a transformação subjetiva do psicanalista, de forma a torná-lo “fiel à realidade efetiva”. O

autor considera que o sucesso do tratamento depende da remoção das debilidades pessoais do psicanalista - sendo elas, principalmente, a impaciência, a inexistência de uma nítida separação entre os mundos da fantasia e da realidade e a fixidez das formas de satisfação pulsional - através de uma análise mais aprofundada que a análise com fins terapêuticos.

Freud, diante das ambições extremadas de Ferenczi referentes à análise pessoal, adota uma posição mais prudente, que reflete suas formulações do período. A idéia de uma análise de formação levada até os fundamentos da satisfação pulsional é rechaçada por Freud através da constatação de um limite, o “rochedo da castração”. Diante desse limite, as associações do analisante não avançam e um resto pulsional insiste em acoá-lo. Só restaria ao analista uma análise interminável a ser retomada de tempos em tempos.

É constantemente assinalado pela maioria dos autores que a construção freudiana da clínica e da teoria da psicanálise se deu através de um processo vacilante, feito de avanços e recuos. Pois, o desenvolvimento da questão da experiência do inconsciente para o psicanalista em formação em Freud, conforme podemos observar, não é diferente. Tal fato se deve à sua profunda articulação com as vicissitudes da clínica, da teoria e da política da psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERENCZI, Sandor. O Problema do Fim de Análise (1927). In: **Obras Completas Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.4. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A Interpretação dos Sonhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.5. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.11. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Os Artigos Sobre Técnica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.12. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.17. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A Questão da Análise Leiga. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.20. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Análise Terminável e Interminável. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.23. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JONES, Ernest. **Vida e Obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1975.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Novos Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MANNONI, Octave. **Freud: uma Biografia Ilustrada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

SOBRE O AUTOR

Marcus Kleredis Monteiro Vieira. Mestre em Psicologia pela UFC. Professor da Faculdade Terra Nordeste (FATENE).